



O ARAUTO

DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE NOVEMBRO DE 1978



sede de conhecimento

Vi-os à luz do candeeiro público. Era ainda madrugada e, na comunidade pobre, a maioria da população dormia.

Aqueles estudantes vinham de lares humildes, muitos deles sem electricidade. Reuniam-se sob a lâmpada da praceta e estudavam a lição do dia ainda por raiar.

O vento fustigava árvores vizinhas. Colava aos corpos subalimentados vestes que mal abrigavam. Mas os jovens persistiam à luz do mesmo candeeiro, um hábito religiosamente observado em cada dia da semana, durante todo o ano lectivo. Raiado o sol, regressavam à casa, donde partiam para a escola. A essa hora a cidade acordava para a sua rotina, alheia ao drama do estudante pobre.

Era o preço que aqueles jovens se propuseram pagar pelo conhecimento que liberta e oferece uma promessa quanto ao futuro: vida nova e melhor, uma lâmpada individual no conforto do lar.

Com a acentuada ênfase à educação, hoje norma de vários países, vai melhorando a sorte do jovem aplicado. Entretanto, maior abundância de recursos

não significa, necessariamente, seu aproveitamento pela maioria.

As igrejas evangélicas de hoje têm mais auxiliares para o ensino e a capacitação dos seus membros que todas as congregações do passado. Damo-nos ao luxo de ser selectivos e até exigentes. É louvável. Mas que fazemos do caudal imenso de páginas já existentes, à espera de serem lidas ou distribuídas?

O contacto com Jesus cria a sede de mais conhecimento. Assim, o empenho à aprendizagem ou ao ensino não é uma ocupação a que nos dedicamos arbitrariamente, mas tem a força dum mandamento. Paulo deu a Timóteo um conselho que se torna agora imperativo: "Persiste em ler, exortar e ensinar" (I Tim. 4:13).

Jesus é chamado Mestre. Ele reconheceu ao Espírito Santo o papel de ensinar "todas as coisas" (João 14:26). Sendo assim, cabe-nos a responsabilidade: aprender, disputar uma luz sob a qual nos prepararemos para um ministério e vida mais eficientes. □

—Jorge de Barros



a igreja e a faculdade

—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

O falecido Dr. Hardy C. Powers observou, e bem, que "a ciência só é útil quando unida a uma convicção e dirigida por um compromisso tomado".

Não há duas palavras que resumam mais exactamente a educação superior nazarena que *convicção* e *compromisso*. As nossas escolas nasceram de uma convicção. Continuam a existir devido a um compromisso. As 10 faculdades de artes liberais, as 10 faculdades bíblicas e o Seminário Teológico, seriam apenas um sonho impossível se não fosse o bom espírito dos que os formam, do corpo docente e dos estudantes.

Esta convicção e compromisso foram graciosamente expressos pelos pais de certo professor de uma das faculdades nazarenas, no

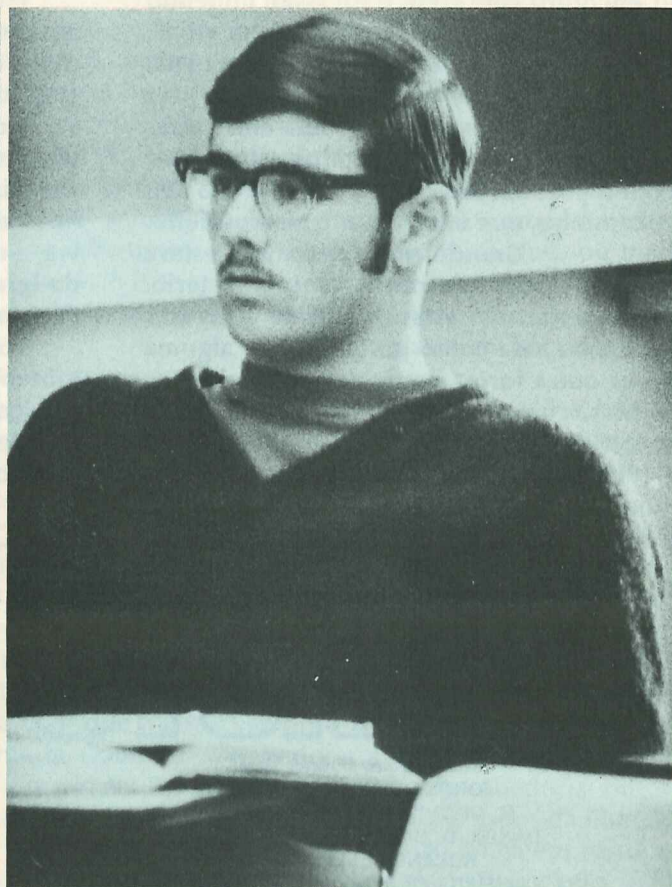
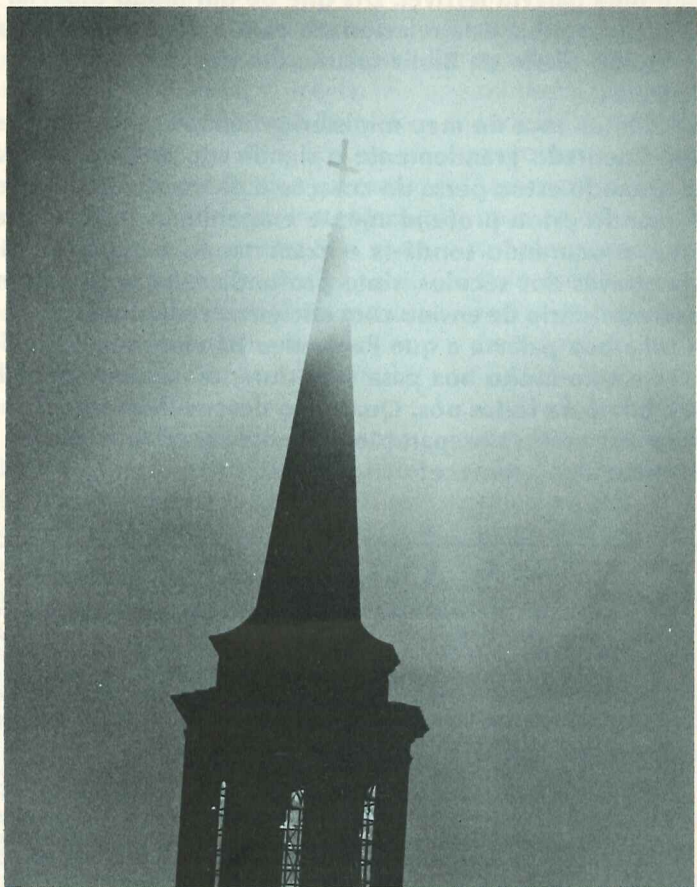
seguinte extracto da história da sua igreja local. Escreveram: "Esta igreja tem apoiado ao máximo as nossas instituições de ensino. A liderança da igreja é treinada, amadurecida e proveniente dessas escolas. Para satisfazer as necessidades do nosso tempo precisamos do melhor e mais eficiente, e não podemos esperar recebê-los de escolas de outra igreja, ou colégios particulares e universidades do estado".

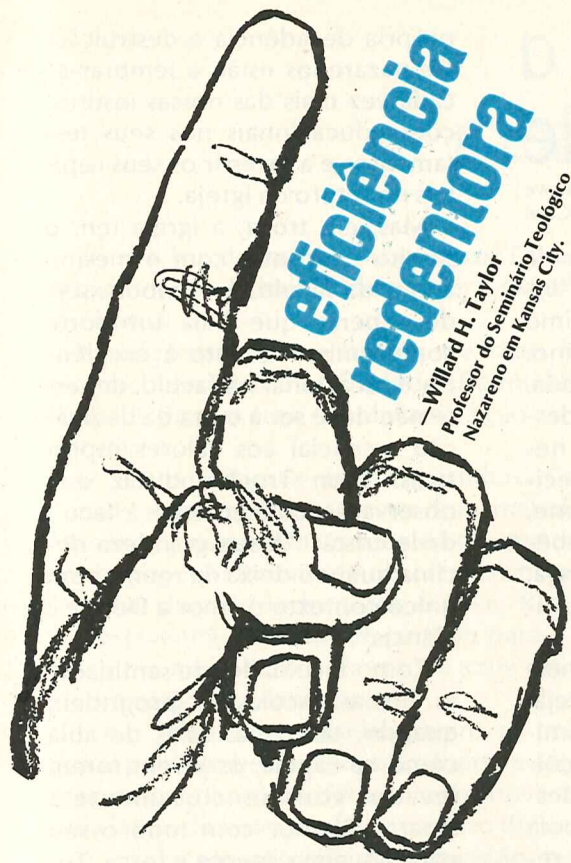
A faculdade tem direito à mesma ajuda leal que presta à igreja. A congregação que não encaminha os seus jovens para a faculdade, não contribui para as despesas da sua educação, não apoia financeiramente e não ora regularmente pelas nossas escolas, está espalhando a semente da sua

própria decadência e destruição. Os nazarenos estão a lembrar-se cada vez mais das nossas instituições educacionais nos seus testamentos e a investir os seus capitais no futuro da igreja.

Mas, em troca, a igreja tem o direito de contar com o mesmo apoio da faculdade. Embora seja de esperar que haja um forte compromisso quanto à excelência educacional na faculdade, este não deve ser à custa da dedicação essencial aos valores espirituais. Elton Trueblood faz esta observação concernente à faculdade cristã: "A sua grandeza declina quando deixa de reunir num único contexto o amor a Deus e à ciência".

Como faculdades de santidade, as nossas escolas só progredem quando, tanto nas salas de aula como na capela, os jovens forem levados conscienciosamente a amar o Senhor com todo o seu coração, alma, mente e força. Todas as outras coisas são inferiores a este compromisso fundamental.





**eficiência
redentora**

—Willard H. Taylor
Professor do Seminário Teológico
Nazareno em Kansas City.

Já passaram algumas décadas desde o dia inesquecível em que tive o meu encontro com Deus e fui assim impelido a dizer-Lhe: "Sê o Senhor da minha vida".

Existem poucos acontecimentos na vida que a orientem e transformem; mas, para mim, este foi um deles. A luta entre duas verdades, a de Deus e a minha, terminou com o domínio da Sua. Encontrei o Seu caminho, que é o melhor e mais perfeito.

Grande parte desta luta estava relacionada com o meu ministério. Realmente não estava decidido a investir a minha vida como pastor ou em alguma qualquer outra forma particular do ministério.

Mas, com a graça de Deus, tudo ficou "resolvido", como costumamos dizer. Tudo foi incluído no "sim" inspirado na pro-

clamação da Palavra e ajuda do Espírito Santo, penetrando até ao mais profundo do meu ser. Esta resposta afirmativa tem, desde então, dominado toda a minha vida e regulado as minhas decisões.

As promessas bíblicas que nesse tempo me foram dadas continuam. Foram como um selo da minha experiência quotidiana e uma palavra de sabedoria. Paulo escreveu a Timóteo: "Tem cuidado de ti mesmo: persevera nestas coisas; porque fazendo isto, te salvará, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (I Timóteo 4:16).

É a combinação da disciplina pessoal com a devoção à verdade que tem feito com que este versículo mantivesse significação para mim através dos anos. No púlpito ou atrás da estante seria difícil permanecer no ministério sem estes dois compromissos: o crescimento espiritual e a compreensão da fé.

O homem e a mensagem que trazem salvação, atingem um centro comum no Espírito Santo. O Espírito torna o ministério adequado para a pregação e ensino. Também nos ministra "a mente de Cristo" e as verdades relacionadas com a vida. Quão sábia é a instrução de Paulo!

"Traz consigo sofrimentos e ensinos" (Weymouth). Também está longe de muitos de nós que não queremos prestar atenção às nossas vidas espirituais e, por isso, tornamo-nos fracos nas mensagens. É igualmente trágica a nossa falta, quando não estudamos com diligência até nos certificarmos de que compreendemos a palavra que vamos compartilhar com outros.

Paulo exorta a que tenhamos atenção contínua a estes dois pontos, porquanto a esperança da nossa salvação pessoal depende deles. Além disso, a salvação dos nossos ouvintes apoia-se na nossa fidelidade.

Esta é uma palavra terrível. Diz que de um modo especial a nossa salvação pessoal está relacionada com a dos outros. A oração e o estudo diário da Bíblia criarão em nós um canal para a graça de Deus.

Nos últimos anos do meu ministério dedicado ao ensino tenho experimentado grandemente o significado desta promessa vitalícia. Quando estou perto do coração e da mente do meu Senhor e quando estou profundamente empenhado na Sua Palavra escrita, procurando sondá-la e examinando a interpretação da Igreja através dos séculos, sinto profunda segurança a inundar o meu ministério de ensino com eficiência redentora.

Foi uma boa palavra a que Paulo deu há vinte séculos a Timóteo. Tem sido muito boa para mim durante os meus anos de serviço. É boa para todos nós. Quando o desenvolvimento da vida interior está unido à preparação diligente para o testemunho e serviço, então algo acontece! □

O ARAUTO DA SANTIDADE

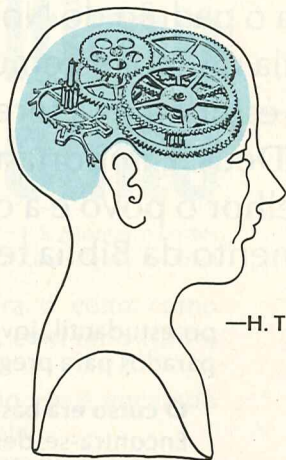
H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 1 de Novembro de 1978 Número 21

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

a inteligência não tem patente registada



—H. T. Reza

Há livros de suposta ou real importância que se encontram registados no Departamento de Direitos Intelectuais. Estes livros não se podem copiar, transcrever ou usar sem licença prévia do dono ou donos.

Muita música que se ouve tem patente registada, isto é, tem "direitos reservados". Não se pode duplicar sem licença prévia. Às vezes a própria melodia tem de ser respeitada.

As fórmulas medicinais ou marcas de fabrico também são objecto de patente registada. São enviadas amostras à respectiva secção do governo onde lhes é atribuído um número que indica que ninguém pode duplicar a fórmula ou marca de fabrico.

A palavra "patente" está tanto em voga nos nossos dias que não faltam pastores evangélicos que digam as suas anedotas e depois de se rirem à vontade acrescentam: "Cuidado, tem patente registada".

Mas a inteligência não tem patente registada. É livre. É do domínio público. Todos a podemos usar. A inteligência é, em certo sentido, natural ao ser humano, a não ser que nasça demente. É o que distingue o homem do animal, o que o faz pensar, meditar,

cismar e orientar-se sem grande dificuldade.

A inteligência natural pode verificar-se em pessoas sem instrução formal que, apesar disso, conseguem singrar no ramo bancário, comércio, política, etc. Assisti a um retiro de pastores em que fiquei impressionado com a agudeza de pensamento de um ministro que tivera poucas oportunidades educativas. Sempre se encontrava rodeado de amigos. Uns para o obrigar a responder com frases célebres, e outros, simplesmente, para se divertirem pelo modo como o fazia. A inteligência natural desse irmão é bem conhecida.

Além disso, a inteligência é susceptível de transmissão e de crescimento. Com alguma preparação, a pessoa inteligente pode escalar alturas. Tem-se dito com propriedade que "ao bom entendedor, meia palavra basta", o que equivale a dizer que o inteligente não precisa de muita explicação.

Pois bem, se a inteligência não tem patente registada, todos podemos usar aquela com que nascemos e até aumentá-la. Como?

1. *Aprendendo a ouvir.* Muitos pastores se cansam de ouvir os colegas sem saber que sempre se aprende algo, pelo menos, a não

falar como alguns deles. Se o ministro deseja que os ouvintes lhe prestem atenção e que ocupem os bancos da frente, deve fazer o mesmo numa convenção ou retiro ministerial, em vez de sentar-se atrás e desafiar o colega que vai falar, a que o comova como faz com a congregação.

2. *Lendo quanto possa:* livros seculares, revistas, jornais, material religioso, referências, etc. Aprende-se exercitando a mente a pensar. É verdade que a Bíblia deve ser o *nosso* livro, mas não devemos deixar os outros. O ministro que não lê pelo menos alguns livros num ano, além dos materiais usados pela Escola Dominical, está defraudando Deus e os membros da sua igreja.

3. *Os jornais evangélicos e a imprensa diária trazem notas bibliográficas.* Esses comentários são escritos por pessoas que leram os livros mais recentes, dizendo do que tratam e dando a sua opinião sobre a obra. Assim, sem necessidade de ler o livro, pelo menos se fica com a ideia do que os outros lêem.

4. *Em muitos lugares se podem ouvir programas em frequência modulada.* É bom, porque a música na sua maior parte é selecta, e as ideias apresentadas por este meio são dignas de ser meditadas.

5. *Benefício dos grupos de discussão.* Reúnem-se duas ou mais pessoas, escolhem o assunto e começam a juntar novas ideias que são discutidas com interesse adicional.

Se a sua inteligência é limitada, não se queixe. Há pessoas com um só talento. Mas, se é realmente inteligente, não se orgulhe. Um dos menos inteligentes pode ultrapassá-lo, se não continuar alerta. O que tem cinco talentos deve ganhar outros cinco.

A inteligência e a sabedoria são irmãs, e devemos ser suficientemente inteligente para pedir sabedoria a Deus: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada" (Tiago 1:5). □

SEMINÁRIO MODELO

Qualquer seminário que siga o padrão do Novo Testamento deve dar ênfase à Bíblia no seu testemunho de Jesus Cristo. Deve levar os estudantes a terem profundo conhecimento da Palavra de Deus. É importante tudo quanto os ajude a compreender melhor o povo e a comunicar-lhe a verdade; mas o conhecimento da Bíblia tem prioridade.

O Domingo do Seminário faculta às nossas igrejas a oportunidade de darem ofertas especiais para a manutenção do Seminário Teológico Nazareno.

Ocorreu-me, há tempos, que os últimos versículos do Evangelho de Lucas oferecem um modelo excelente para o treinamento no seminário (Lucas 24:36-53).

O corpo docente era pequeno mas selecto!

"Jesus se apresentou no meio deles". Cristo resurrecto foi o Reitor e Professor desse primeiro seminário cristão. As Suas palavras "estando ainda convosco" (v. 44), indicam que Ele estava agora com eles de maneira diferente de antes da Sua morte e ressurreição. O mortal tinha-se revestido de imortalidade. Agora Ele é o Conquistador do pecado e da morte. É o Senhor e Chefe da Igreja. É o Juiz do mundo. Cristo, que possui todo o conhecimento de Deus e do homem, era o Professor.

Num seminário genuinamente cristão, cada professor é um substituto e companheiro desse Mestre. Ele dirige todos os departamentos e administra todos os cursos. Estou certo que os dedicados professores do nosso seminário se consideram trabalhando sob a direcção de Cristo.

Os estudantes eram poucos, mas destinados a grande ministério.

Os onze discípulos formavam o corpo estudantil desse primeiro seminário. Sob a perspectiva humana não eram muito promissores, mas o Senhor estava ciente do seu futuro.

Eram ministros pela compulsão de Jesus. Ele os escolheu, chamara e comissionara por Sua própria iniciativa. Não se tinham simplesmente decidido a pregar (Marcos 3:13-15).

Eram aprendizes pela iluminação de Jesus. Ele "abriu-lhes o entendimento, para compreenderem as Escrituras" (v. 45). Como Ele o fez, não sabemos, mas fê-lo. Não dependiam de meras possibilidades pessoais para conseguir sabedoria; eram inspirados pelo Senhor.

Todos os seminários precisam de semelhante cor-

po estudantil, jovens divinamente chamados e preparados para pregar.

O curso era baseado na Palavra de Deus.

Encontra-se descrito em três frases: "As palavras que vos disse"; "o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos salmos"; "as Escrituras" (vs. 44-45). O maior interesse de Jesus por eles não consistia em ajustamento de personalidades, introspecção psicológica ou administração da igreja, mas na compreensão da Bíblia.

Qualquer seminário que siga o padrão do Novo Testamento deve dar ênfase à Bíblia no seu testemunho de Jesus Cristo. Deve levar os estudantes a terem profundo conhecimento da Palavra de Deus. É importante tudo quanto os ajude a compreender melhor o povo e a comunicar-lhe a verdade; mas o conhecimento da Bíblia tem prioridade.

O seu treinamento foi o princípio de um ministério que alcançaria os confins da terra.

Esse ministério foi divinamente preparado. Os discípulos esperaram até serem "revestidos de poder" (v. 49). O Espírito Santo habitaria neles, os possuía e dirigiria em todos os seus labores.

O seu ministério seria intensamente evangelístico. A mensagem teria ênfase na cruz e no túmulo vazio (v. 46). Exigiria dos seus ouvintes "arrepentimento", prometendo "perdão dos pecados" (v. 47). E abrangeia a terra inteira; "todas as nações, começando por Jerusalém" (v. 47).

Cada seminário deve visar produzir semelhante ministério, enviando por todo o mundo homens e mulheres cheios do Espírito e apaixonados pelas almas. Os nossos seminários enveredam os seus esforços neste sentido!

Os seminários nazarenos são lugares onde o Senhor resurrecto comparte a Sua vida, Espírito, sabedoria e compaixão com pessoas zelosas, escolhidas, esclarecidas e dedicadas. São merecedores de toda a ajuda que as nossas igrejas lhes possam dar em dinheiro e orações! □

—W. E. McCumber

O último culto

—J. S. Monteiro Fortes
Belo Horizonte, Brasil

Em regra, todo o pastor encara o culto como "mais um culto". Não falta quem, com um suspiro, fale em "menos um culto".

É indiscutível que o modo como ele é encarado tem muito a ver com o seu desenrolar.

A expressão "mais um culto" transporta um peso enorme de rotina, de profissionalismo. Deixa perceber a execução de algo que entrou no hábito das pessoas, que cumprem mecanicamente.

A outra "menos um culto", envolve-nos com o seu bafo quente de alívio. O dever foi já cumprido. Bem ou mal, pouco interessa. Fez-se o que se tinha a fazer. E até chegar o momento do próximo dever a cumprir, é viver tranquilo e despreocupado. A advertência de Mateus 24:46 é pertinente.

Quando adolescente li (no "Mundo Cristão") a respeito de um pastor que, ao tomar posse de uma nova igreja, fez a Deus um pedido que ele próprio rotulou de "egoísta". Declarou-o à sua congregação sem entrar, contudo, em detalhes. Ninguém escapou à expectativa desse "pedido egoísta". A congregação cresceu em membros por profissão de fé. Seria esse o pedido egoísta? As estatísticas duplicaram em poucos meses, as finanças aumentaram, a assistência dobrou, o conceito a respeito da igreja



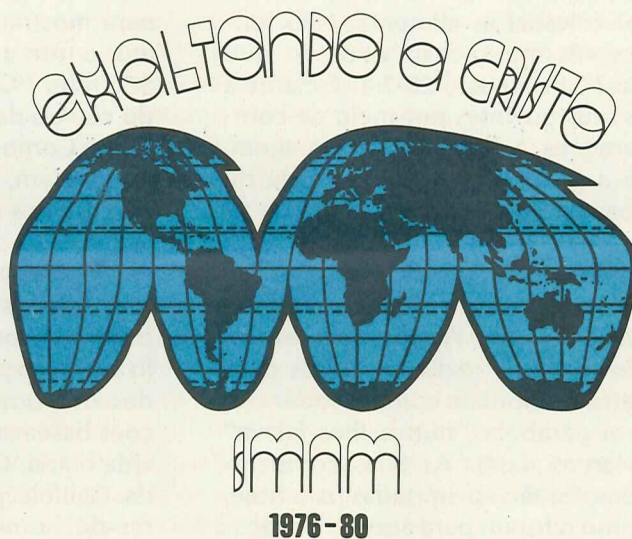
fora renovado. Estaria ali o tal pedido egoísta?

O tempo foi passando. O referido pastor trazia em si mesmo indícios da passagem dos anos. E num domingo à noite, terminado o culto, após orar com almas no altar, fez algo não habitual: ao invés de se dirigir à porta e se despedir dos membros e amigos, voltou à plataforma e sentou-se numa cadeira. A sua face resplandecia enquanto sorria. E, quando passados longos minutos, um membro da igreja se aproximou dele, verificou surpreso que tinha passado à eternidade. Era esse o pedido "egoísta", posteriormente confirmado num escrito do próprio.

Esse homem pedira a Deus facultar-lhe o privilégio de terminar os seus dias no púlpito. Assim, encarava cada culto como o seu "último culto". E com tal lema não surpreendem os resultados obtidos. Cada hino era entoado como se fosse o último. Cada prece pronunciada como se fosse a última. A mensagem, preparada e transmitida como a última da sua vida.

Mais um culto? Menos um culto? O último culto?

Ao decidir-se sobre estas frases, aparentemente sem importância, talvez se esteja decidindo sobre o êxito ou fracasso de um dos sectores básicos do ministério: o culto. □



mestre ideal—nosso modelo

—Faythelma Bechtel

Quem foi o maior mestre de todos os tempos? Sem dúvida, Jesus Cristo. Ninguém mais ensinou a verdade de maneira tão universal e interessante. Mas alguém pode comentar: "E por que não? Era o Filho de Deus". É certo, e nós somos Seus filhos, mas também é verdade que os Seus ensinamentos tiveram (e ainda têm) um poder maravilhoso, porque sabia *como* ensinar.

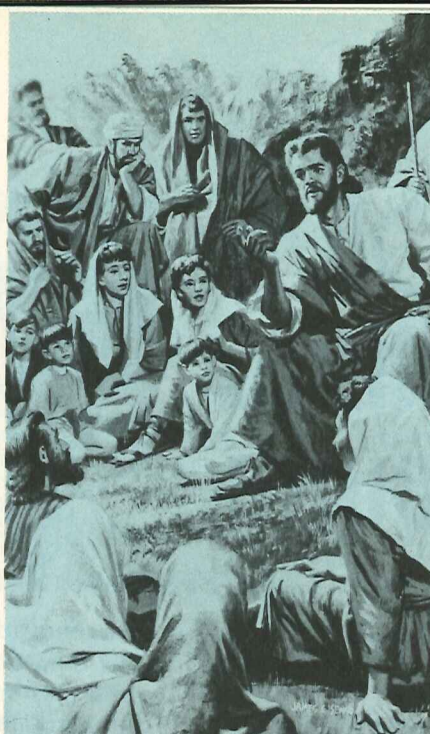
Estudar a vida de Cristo é a melhor preparação que um professor de Escola Dominical, pai ou mãe podem ter. Jesus ensinou da melhor maneira — por palavras e obras.

1. Falemos do Seu método de ensino por meio de palavras:

1. **Usou ilustrações práticas.** Nunca ensinou de modo abstracto. Quando apresentava um princípio, dava sempre um exemplo concreto: uma comparação ou analogia.

"Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber . . . Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?" (Mateus 6:25-26). Esclarecia os seus ouvintes por meio de comparações e figuras de linguagem. "E a grande multidão o ouvia de boa vontade" (Marcos 12:37b).

2. **Era bom narrador.** As Suas histórias eram curtas, simples e cheias de acção. Tinham sempre um propósito. Apresentava exemplos da vida real que até os mais iletrados podiam compreender. "E, sem parábolas, nunca lhes falava" (Marcos 4:34). As Suas comparações são tão apropriadas para hoje, como o foram para aquele tempo.



© Providence Lithograph Co.

3. Sabia como fazer perguntas.

Jesus ensinou mais por simples conversas que por conferências. Com perguntas levava os ouvintes a reagir e a pensar na resposta. Conhecia o valor da cooperação entre professor e aluno. Quando o intérprete da lei perguntou: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?", Jesus respondeu perguntando: "Que está escrito na lei? Como lê?" E, assim, explicou ao homem a verdade que procurava.

As perguntas que fazia aos ouvintes levavam-nos a pensar, a responder e a aprender. "Quem tocou nos meus vestidos?" "Quem dizem os homens que eu sou?" "Ainda não tendes fé?"

Jesus também usou perguntas para mostrar aos sacerdotes quem era, e que a Sua autoridade vinha de Deus. "O batismo de João era do céu ou dos homens? respondi-me". Como os sacerdotes não respondessem, acrescentou: "Também eu vos não direi com que autoridade faço estas coisas" (Marcos 11:29-33).

4. **Jesus sempre descobria um ponto de contacto e interesse.** Utilizava as experiências e necessidades dos ouvintes. As Suas ilustrações baseavam-se na natureza e na vida diária. Chamou os pescadores da Galileia para serem "pescadores de homens". Ao encontrar-se

com a samaritana no poço, falou-lhe da "água viva". Quando alimentou a multidão, pregou sobre "o pão da vida".

Jesus conhecia a vantagem de relacionar o antigo e familiar com o novo e desconhecido. Usou as ideias e leis antigas como base das novas. "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrece-rás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (Mateus 5:43-44).

5. **Ensinou sempre o essencial.** Em todas as Suas pregações, nunca foi superficial. Tomava uma verdade e a ensinava de forma clara e simples, sem rodeios de espécie alguma.

6. **As Suas lições eram categóricas.** A maior parte das vezes ensinou de tal modo que os ouvintes chegaram à conclusão por si mesmos. Empregava sugestões indirectas.

Quando o doutor da lei perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?", o Mestre respondeu com a parábola do bom samaritano, obrigando-o a responder à sua própria pergunta e a uma outra que, então, lhe dirigiu: "Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" "O que usou de misericórdia para com ele." No momento preciso em que compreendeu a ideia de Jesus, foi-lhe imposta esta obrigação: "Vai, e faz da mesma maneira" (Lucas 10:30-37).

Cristo ensinou com tal originalidade, percepção e agudeza que os ouvintes tinham de admitir que "os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas" (Mateus 7:29).

Contudo, nunca usou discursos eloquentes ou retóricos para impressionar ou chamar a atenção. As Suas palavras procuravam convencer da verdade e autoridade do Seus preceitos. Nunca falou por prazer: "Porque não busco a mi-

nha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou" (João 5:30). Que exemplo maravilhoso para imitarmos!

II. Jesus também ensinou por meio de Suas ações ou obras:

1. Através de lições objectivas. Muitos dos Seus milagres foram lições—como a maldição da figueira seca. Quando os discípulos Lhe perguntaram quem seria o maior no Reino, mostrou-lhes uma criança. Na última ceia lavou-lhes os pés para lhes ensinar a melhor lição de humildade.

2. As palavras e ações de Jesus mostravam interesse social. Viveu entre seres humanos, participando das suas relações sociais—mas sem pecado. Não ensinou dogmas nem credos, mas coisas práticas. Não se preocupava com as aparências, mas com o que ia no coração.

3. Tornou aptos os doze apóstolos. Jesus conhecia o trabalho de equipa. Chamou os discípulos para O seguirem. Andaram juntos ensinando e curando. Quase sempre O acompanharam na preparação para a obra que os esperava no futuro. Por meio do Seu ensino, amizade e trabalho conduziu-os à maturidade espiritual.

4. Jesus praticava o que ensinava. Foi o segredo do Seu poder. Ele próprio era o Ideal.

Não foi o mestre ideal somente em palavras e ações, mas também em conhecimento. Conhecia a verdade—conhecia o homem. Compreendia a natureza humana com todo o seu pecado, dúvida, egoísmo e perversidade. Discernia facilmente as necessidades dos homens, porque os amava.

Como poderemos seguir este exemplo perfeito? Somente estando cheios do poder do Espírito Santo e completamente dependentes d'Ele. Recordemos as palavras do Senhor: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado" (Mateus 28:19-20). □

mãe e mestra

—Ricardo Chacón

A igreja cristã é mãe e mestra. É a única instituição terrena com autoridade divina—ainda que relativa— para ligar e desligar, repreender e anatematizar, conferir graça através dos sacramentos bíblicos e ensinar por meio de professores capacitados e profetas. O Senhor Jesus disse: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda a palavra seja confirmada. E, se não as ouvir, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu" (Mateus 18:15-18).

Estas palavras que têm sido tabu para muitos mestres e motivo de discussão para romanistas e protestantes, não foram dirigidas exclusivamente a Pedro, mas à igreja cristã. Nós que somos e estamos nela, conforme a Palavra de Deus temos poder para ensinar, pois tal foi a ordem de Jesus: "Portanto ide, fazei discípulos em todas as nações... ensinando-as" (Mateus 28:19-20).

Existem muitos grupos chamados corporações, congregações, assembleias, clubes, reuniões, etc., mas apenas um é a Igreja: aquele cuja membresia se limita exclusivamente aos que, independentemente de pertencerem a uma denominação, aceitaram Jesus Cristo como seu Salvador pessoal e Lhe obedecem. O Senhor foi reconhecido pelo povo como nazareno devido ao lugar da Sua residência, Nazaré; além disso foi conhecido pela Sua vida exemplar, pura, limpa e santa.

A igreja cristã compõe-se de pessoas de diferentes nacionalidades e raças, de seres humanos cheios de erros e limitações naturais. O Senhor Jesus, conhecendo a nossa natureza fraca e limitada, deu-nos o Espírito Santo para nos aperfeiçoar, dirigir e ensinar, edificando o Seu reino aqui na terra, a Igreja, a qual, na segunda vinda de Cristo, será a Sua esposa gloriosa.

Deste modo a Igreja é mãe e mestra, porque aloja no seu seio e dá aos seus filhos o leite dos ensinamentos da Palavra de Deus.

A Igreja é santa, universal, eterna e una. Quanto à organização terrena, está constituída por dois grupos: os ministros (corpo docente) e os leigos. Os primeiros, chamados e preparados, são ungidos e autorizados para pregar a Palavra de Deus, ensinar os Seus mandamentos e ministrar os sacramentos. Os segundos, a maioria da igreja, aprendem dos ministros do Altíssimo (Hebreus 13:7, 17).

A igreja cristã abrange na sua membresia pastores, professores, profetas, doutores, diáconos, etc.; e de acordo com as necessidades locais são incluídos conferencistas, oradores especiais, evangelistas e mestres especializados.

A igreja considera necessárias as reuniões de carácter público no templo e as especiais, como retiros de pastores, acampamentos de jovens e crianças, tudo com o propósito de ajudar os seus membros.

Graças a Deus pela igreja que se preocupa com a educação cristã e com o crescimento de todos os seus membros, providenciando um cuidadoso estímulo e o apoio da Palavra de Deus. □



um só propósito— ministrar!

—Armando de Sá Nogueira*

A Seara é sempre vasta!

Novas vidas vêm ao mundo em cada minuto e outras morrem sem o conhecimento do Evangelho que é “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”.

Ai de nós se falharmos no cumprimento da Grande Comissão—“Ide . . . e pregai o evangelho a toda a criatura”!

Não encontraremos melhor modelo no que toca a ter um só propósito na vida —ministrar— do que Jesus. Ele é expressivo em afirmar: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (João 4:34).

Aquele que desejar pregar o evangelho, não pode ter o coração dividido em vários alvos. Para ser produtivo e inspirado, terá de se concentrar num único objectivo e não mudar de rumo, aconteça o que acontecer.

Normalmente, exige-se de qualquer funcionário do estado que não seja comerciante, explorador de táxi ou exerça qualquer tipo de actividade lucrativa. Precisamente, para não ser um homem dividido, com várias preocupações e responsabilidades.

As palavras do Mestre correspondem à verdade: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:21).

Há milhares de lares infelizes e desfeitos pelos cinco continentes, porque um dos cônjuges consa-

gra as suas afeições a outra pessoa. É bíblico, justo e moral que ocupemos o primeiro lugar, sentimentalmente falando, no coração da nossa esposa ou do nosso marido.

E porque Deus não há-de exigir o mesmo dos Seus servos?

É de lamentar quando alguém que se diz servo do Rei dos reis, portanto, embaixador de Cristo, se embrenha em actividades que lhe trazem lucros financeiros, deixando para segundo plano a actividade suprema—ministrar a Palavra!

O apóstolo Paulo queria chamar a atenção de Timóteo a fim de que não se distraísse com qualquer outro embaraço—“Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra” (II Timóteo 2:4).

Lemos de um consagrado obreiro que antes de entrar no ministério comprara um lote de terreno com o objectivo de negociar. Seria um estágio primário para futuros investimentos. Que fez? Depois da sua ordenação, vendeu o terreno o mais depressa possível para poder estar livre e dedicar-se ao trabalho de Deus em tempo integral.

Só o Senhor da Seara sabe quantos ministros estão a falhar neste ponto tão importante! . . .

É inegável que o ministério cristão necessita de mais obreiros com um só propósito na vida—ministrar aos perdidos e aos fiéis. □

*Praia, Cabo Verde



“EU SOU A PORTA”

—José Pacheco

Foto por Roland Miller

Era uma fábrica metalúrgica enorme, uma das maiores do país. Nesse dia eu visitaria todas as instalações, graças ao convite de um dos dirigentes que frequentava a igreja que eu pastoreava. Ao entrar, chamou-me a atenção a quantidade de anúncios que lembravam aos empregados as medidas de segurança a tomar. Um, bastante eloquente, dizia: “Das medidas de segurança que observares, depende como sairás dentro de oito horas. Tem cuidado contigo e com os outros”!

Todos os dias, ao dirigir-me ao trabalho, passo pela porta de uma zona industrial da cidade. Tem uma chama de gás de cada lado,

ardendo constantemente e servindo de adorno. O fogo simboliza a actividade constante das fábricas.

Em S. Louis, Missouri, Estados Unidos, existe um grande arco metálico que serve de atracção turística e ao qual se pode subir num elevador especial. Esse arco simboliza a porta de entrada para o oeste do país. Durante a famosa “conquista do oeste” a cidade era o ponto de reunião das caravanas de aventureiros e povoadores rumo ao poente.

A palavra “porta” tem um significado muito simples, mas a sua aplicação é variada. Não só se emprega como referência à abertu-

tura na parede que serve de entrada ou saída, e à peça de madeira ou metal que tapa essa abertura, mas também se usa metaforicamente.

Na Bíblia, por exemplo, segundo o patriarca Jacó, a palavra *Betel* significa “a casa de Deus . . . e a porta dos céus” (Gênesis 28:17).

Em Jerusalém, tanto a própria cidade como o templo tinham portas que ficaram famosas na história secular e bíblica. Até alguém se inspirou nelas e compôs um hino sobre “a porta oriental”.

No entanto, Jesus usou o termo noutra sentido muito importante para o homem. Disse: “Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens” (João 10:9).

Por outras palavras, todo aquele que crê em Cristo tem entrada livre a Deus Pai. Para se relacionar com Ele, não precisa de empregar portas humanas—como sacerdotes, ministros, boas obras ou outras invenções do homem.

O ser humano, como diz o povo, “não encontra a porta” quando encara problemas difíceis ou situações desesperantes. Então recorre a portas falsas—como fraude, roubo, dívidas ou suicídio—para fugir aos problemas.

Um dos sinais da decadência moral e espiritual de qualquer país é o aumento de suicídios. O índice de pessoas que o praticam aumenta constantemente em todo o mundo.

Mas, graças a Deus, há outra porta melhor que salva e resolve todos os problemas humanos por mais difíceis que sejam: Jesus Cristo, o Filho de Deus, que abre as portas da esperança a todo aquele que n’Ele crê e arrependido confessa os seus pecados, aceitando o Seu sacrifício vicário na cruz.

Cuidado com as portas falsas! Aceite, hoje mesmo, Jesus Cristo pela fé. Ele disse: “Eu sou a porta”. □



que espera o aluno do seu professor?

—Eduardo Aparício

Quando estudava no liceu, lembro-me que os professores exigiam muito no cumprimento dos deveres escolares. Na altura não via o seu objectivo imediato. Um dia, a tremer, fiz ao professor a seguinte pergunta:

“Por que nos dão tanto trabalho para fazer em casa?” A resposta não se fez esperar:

“A nossa pátria precisa de cidadãos bem preparados. Esse é o nosso objectivo.

Depois de entrar no seminário, os meus companheiros e eu encontrávamo-nos sob a mesma tensão. Tínhamos de ler muitos

livros. Cada professor exigia para a sua disciplina uma monografia e o tempo não dava para tudo. Um dia, esquecendo os propósitos que me levaram ao seminário, fiz a um dos professores a pergunta:

“Por que nos dão tanto trabalho?” O professor respondeu:

“Esperamos que sejam ministros eficientes e disciplinados. Caminhamos para isso.”

O tempo passou tão rápido que, depois de alguns anos de estudo e de trabalho no ministério, Deus mostrou-me que o meu dom era o ensino. E agora, no seminário exijo dos estudantes o que eu vejo que eles podem. Deixo para casa leituras complementares dos temas expostos na aula. Peço monografias e conferências. E quando me perguntam: “Por que nos dá tanto trabalho?”, fazem-me lembrar os gratos anos de estudante—e também respondo da mesma maneira.

Os professores de qualquer instituição religiosa desejamos e esperamos que os alunos sejam bons pastores e ministros eficientes da Palavra de Deus. Todavia, algumas vezes tem-me passado pela mente a seguinte pergunta:

Que espera o aluno do seu professor?

Foi colocado um artigo no quadro de anúncios do seminário. Tinha precisamente este título: “Que espera o aluno do seu professor?” Devo reconhecer que captou a minha atenção. Parei para o ler e tomar alguns apontamentos. Creio que os conselhos do seu autor, Demetri Olaciregui, enriquecerão o nosso trabalho docente. Por isso vou resumir aqui, em poucas linhas, o seu conteúdo.

O autor responde, como segue, à pergunta do título:

1. O professor deve dar bom exemplo aos alunos, tanto na maneira de falar como no comportamento. Deve ser um modelo digno que o aluno possa imitar.

2. Deve inspirar confiança. De contrário perderá a amizade dos estudantes. Um modo de mostrar confiança é ter fé na superação do aluno e dominar a matéria.

3. Deve respeitar-se a si mesmo. Também respeitar os alunos.

4. A paciência é indispensável no professor. A tolerância deve ser permitida quando edifica o aluno.

5. Deve ter pontualidade, a qual revela o seu grau de disciplina.

6. Deve cultivar simpatia sincera para com os alunos, a qual se traduzirá em procurar a sua prosperidade e felicidade.

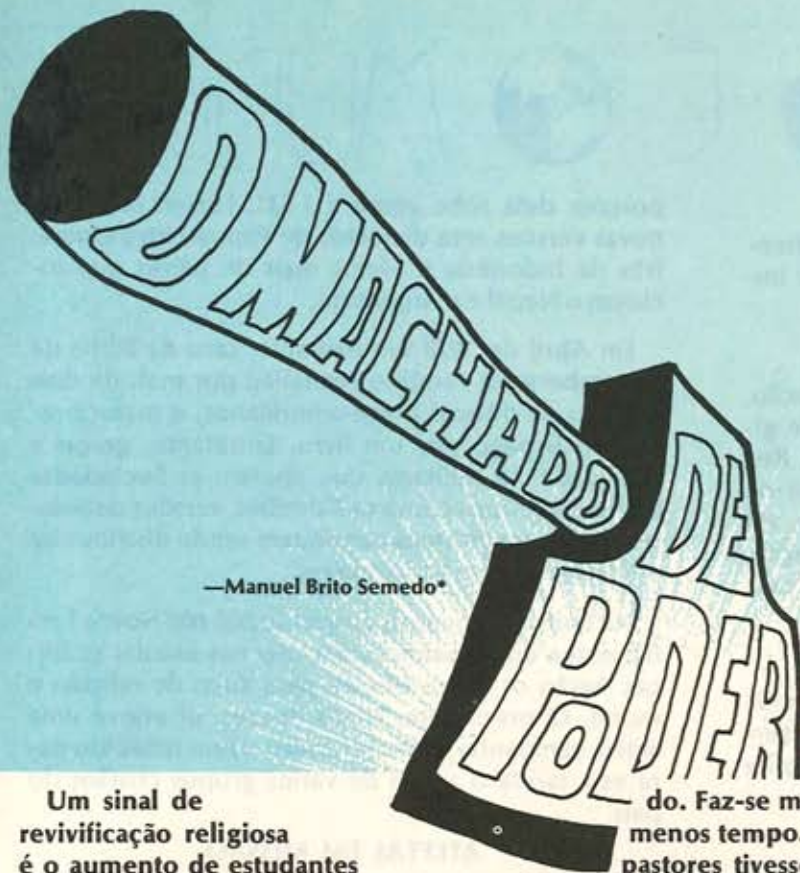
7. A vocação é muito importante. Isto é, há necessidade de ter dom para ser professor.

Estes conselhos são importantes para o nosso tempo em que a maioria dos jovens anda num mundo de confusão e precisa de orientação. Não duvido que o autor desse artigo ponha o dedo na ferida. Fazem falta professores preparados.

O professor deve mostrar não só aos alunos, mas a toda a humanidade, o caminho que conduz a Deus. Isto requer dele um encontro diário com Cristo. Na referência bíblica de Mateus 22:16 os fariseus aproximaram-se de Jesus com intenção perversa, mas confirmaram esta grande verdade quando disseram: “Sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade.”

Por isso, o professor terá de viver em Cristo. Somente assim estará pronto para ensinar o caminho que conduzirá o homem a Deus.

Então, no momento em que nos perguntarmos “que espera o aluno do seu professor”, a nossa resposta será: “Que dê testemunho de Cristo e que ensine o caminho de Deus, de acordo com a verdade”. Mostrar Cristo no nosso ensino e nas nossas vidas é levar o homem ao encontro de Deus. □



—Manuel Brito Semedo*

Um sinal de revivificação religiosa é o aumento de estudantes de teologia e a disposição de trabalhar para melhorar o estado e a influência da igreja. No capítulo 6 de II Reis encontramos disposição para o trabalho, o efeito de se ter um bom dirigente e como as dificuldades podem ser vencidas.

Os seminaristas da escola de profetas tinham boa disposição para o trabalho.

Eram disciplinados. Procuravam a opinião do reitor. Muitas vezes precisamos saber se a nossa decisão combina com a opinião do Mestre. Tendo a Sua aprovação, o trabalho progride e é suave.

Todos somos chamados ao trabalho e quando todos participam ninguém se esfalfa. Quando muitos colaboram o peso fica dividi-

do. Faz-se mais e em menos tempo. Se os

pastores tivessem mais colaboradores fiéis, o serviço estaria mais expandido e bem feito.

Os jovens propõem-se melhorar a igreja. De nada vale gozar as glórias passadas, o que importa é entregar-se ao melhoramento, e isto exige esforço, sacrifício e dedicação.

Teria sido um mau dia se na excursão os seminaristas tivessem ido ao bosque sem o mestre.

Sem o Mestre não existe organização. É Ele que distribui o serviço, pois do contrário todos que- rerão o mais fácil e que dá mais nas vistas. Ele coloca cada um no lugar de maior rendimento. Nem todos estaremos em foco, alguns estarão nos bastidores como "rapazinhos de manivela". O tra-

balho de cada qual é importante.

Sem o Mestre não há estímulo. Ele desafia e anima. Quando criança eu gostava de ver os trabalhadores braçais enchendo os camiões. Havia sempre um que era o dirigente e que controlava os esforços. Combinadas as forças, conseguiam levantar pesos enormes.

Sem o Mestre não há produção capaz. Sem a experiência com Deus qualquer serviço é vazio de resultados. Há esforço mas é ineficaz. Há canseira mas é em vão.

Aparecem dificuldades mesmo com o Mestre presente.

Imaginemos os jovens cortando lenha. Dorsos nus repletos de suor, músculos esforçados, este canto nos lábios:

"Há prazer, prazer
No serviço do meu Rei;
Há prazer, prazer..."

Nisto, um perdeu o poder de trabalhar. Caiu-lhe o ferro do machado. Alguns continuam a trabalhar sem poder, apenas com o cabo. Constam entre os que trabalham, mas só estorvam. Sem o poder perde-se o interesse.

Deve-se reconhecer onde e como se perdeu o poder. Onde a vida cristã começou a perder o saber e onde deixamos de produzir por falta de poder. Para reavê-lo a confissão deve ser explícita. Capacitados de novo em poder, há disposição para trabalhar, as dificuldades são vencidas e surge o canto:

"Há prazer, prazer
No serviço do meu Rei;
Há prazer, prazer..."

*Santiago, Cabo Verde

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



HONG KONG

A igreja do Nazareno foi reconhecida oficialmente pelo governo. Passa a ter isenção de taxas e impostos.

BRASIL

Com pouco mais de um ano de organização, o Distrito Sul do Brasil avança e tem planos de gigante: oito igrejas organizadas até 1980. O Rev. Rex Ludwig, líder do distrito, implementou a ideia de residências pastorais e capelas prefabricadas, de custo modesto. Uma vez esbelecida a congregação, estas estruturas são substituídas por edifícios permanentes.

RÚSSIA

Em 1977 registaram-se mais de 6 000 novas conversões em igrejas evangélicas consentidas pelo governo da União Soviética. Calcula-se que o número de igrejas não oficializadas ultrapasse os 5 000.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Estatísticas oficiais de 1977 comprovam um declínio deste grupo. Nos últimos dois anos o número de batismos de novos convertidos nos Estados Unidos teve uma baixa de 65 por cento. O de membros activos, 2, 6 por cento, no mesmo país, e 1 por cento no resto do mundo.

VISÃO MISSIONÁRIA

A Igreja do Povo, de Toronto, Canadá, comprometeu-se a dar \$1 129 788 (dólares), durante o ano, para a obra missionária. A igreja tem 2 000 membros adultos e contribui para o sustento de 470 missionários espalhados pelo mundo, 35 dos quais surgiram desta congregação. Segundo o pastor, Paul B. Smith, "Por muitos anos as nossas entradas para missões têm ultrapassado as promessas de fé".

PARA TODOS

Com a adição de vinte e oito novas línguas, o total de idiomas em que se acha traduzida a Bíblia ou

porções dela sobe agora a 1 631. Fazem parte das novas versões sete dialectos de Papua-Nova Guiné, três da Indonésia e vários mais de países que incluem o Nepal e a Argentina.

Em Abril de 1978 um exemplar raro da Bíblia de Gutemberg foi vendido em leilão por mais de dois milhões de dólares norte-americanos, o maior preço jamais pago por um livro. Entretanto, graças à fidelidade de milhares que apoiam as Sociedades Bíblicas e grupos como os Gedeões, versões populares da Palavra de Deus continuam sendo distribuídas em massa e até gratuitamente.

Na Bolívia o governo distribuiu 500 000 Novos Testamentos em espanhol para uso nas escolas públicas. Serão os textos oficiais para aulas de religião e moral. O presidente, Hugo Banzer, promove uma activa campanha de moralização e tem recebido para esta tarefa o apoio de vários grupos cristãos do país.

ATLETAS EM MISSÃO

Dezoito atletas nazarenos iniciaram em Junho deste ano um programa missionário inédito. Trata-se de jovens universitários empenhados em levar o seu testemunho radiante a círculos estudantis dos seguintes países: Coreia, Taiwan, Filipinas, Austrália e Nova Zelândia.

O veículo de competições de basquetebol é usado para comunicar o evangelho a um grupo que raramente tem sido atingido por métodos tradicionais de evangelização.

Cada atleta contribui com a quantia de \$1 250 (dólares norte-americanos) para o fundo de apoio a este projecto internacional. O programa inclui encontros e palestras com os estudantes, durante o dia, e uma competição desportiva com elementos locais, em quase todas as noites.

O treinador da Faculdade Nazarena de Bethany, Jim Poteet, foi também responsável pela preparação deste grupo pioneiro que, pelo êxito, abriu as portas a futuros grupos de atletas nazarenos. □

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

ELISEU NO SEMINÁRIO

—Carl S. McClain

Pouco se encontra relatado nas Escrituras acerca do ensino específico dos ministros (profetas) do Velho Testamento. Muitas vezes eles aparecem como arautos ou “vozes” apresentando as mensagens dadas directamente por Deus, como nos casos de Isaías, Jonas e Elias.

Mas também há evidências de um processo de treinamento para o ministério. O método escolar seguido era, em geral, o de tutoria—companheirismo entre mestre e aluno. Um profeta de idade, ou sacerdote, tomava sob a sua tutela um jovem aluno, como no exemplo de Eli e Samuel.

Na narração da chamada e ensino de Eliseu em I e II Reis, vemos que as instituições educacionais ou “escolas de profetas” tinham um papel mais importante na preparação dos profetas que geralmente se lhes atribui. O ensino de Eliseu compreendia o método de tutoria e o institucional, não muito diferente do tradicional usado actualmente para o ministério (II Reis 2:1-15).

Aparentemente Elias, além de ser um dos profetas maiores do Velho Testamento, também era o director ou, pelo menos, professor de destaque na escola de Betel (II Reis 2:2); e mais tarde em Jericó (II Reis 2:4).

Na missão de recrutar um estudante sob a direcção de Deus e em escolher e treinar o seu sucessor (I Reis 19:16), Elias descobriu Eliseu, um jovem diligente e promissor, que andava no campo a lavrar com uma junta de bois. Sem dúvida que pertencia a família abastada, pois trabalham no mesmo campo mais 11 juntas de bois.

Elias convidou Eliseu a deixar o campo para se preparar para o ministério, começando provavelmente com os “filhos dos profetas”, em Betel (II Reis 2:2). A sua preparação terminou em Jericó, possivelmente a escola mais avançada. (A narração indica que ambos estiveram juntos nessas escolas, em várias ocasiões).

Quando o jovem concordou em acompanhar Elias, o professor imaginando a aspereza do caminho que o esperava, apresentou-lhe a primeira das quatro provas mencionadas no relato. Deixou-o voltar atrás (I Reis 19:20). Eliseu passou com boa classificação nesta prova de “admissão”. Não só deixou o arado e beijou os pais, mas assou os bois numa festa de despedida, usando o arado como lenha. E, assim, “queimando as pontes que lhe ficavam atrás”, manifestou uma firmeza de propósito que deve ter encantado Elias.

Segundo a narração, o tempo entre a chamada de Eliseu para se preparar e o fim do curso absorveria aproximadamente 10 anos, equivalentes ao tempo do nosso liceu (ginásio), faculdade e seminário. Não

nos referimos à natureza dos cursos de estudo sobre a Lei, a sua interpretação, a música e a poesia sacra que constituíam o currículo das escolas dos hebreus.

É provável que Eliseu tenha acompanhado o seu professor nas viagens que fizera. A próxima menção de Elias, após a chamada de Eliseu, é seis anos mais tarde, a quando da viagem em que ameaçou Acabe e Jezabel por causa da vinha de Nabote que usurparam à força (I Reis 21:19-25). Esse intervalo, como os outros, podem ter sido para o jovem profeta, períodos de ensino intenso na escola.

Pelo menos, duas vezes durante a sua preparação, Eliseu foi sujeito a exames que incluíam provas de sua firmeza de propósito (II Reis 2:2, 4). Sempre passava com óptimas classificações. A sua resposta foi: “Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei”.

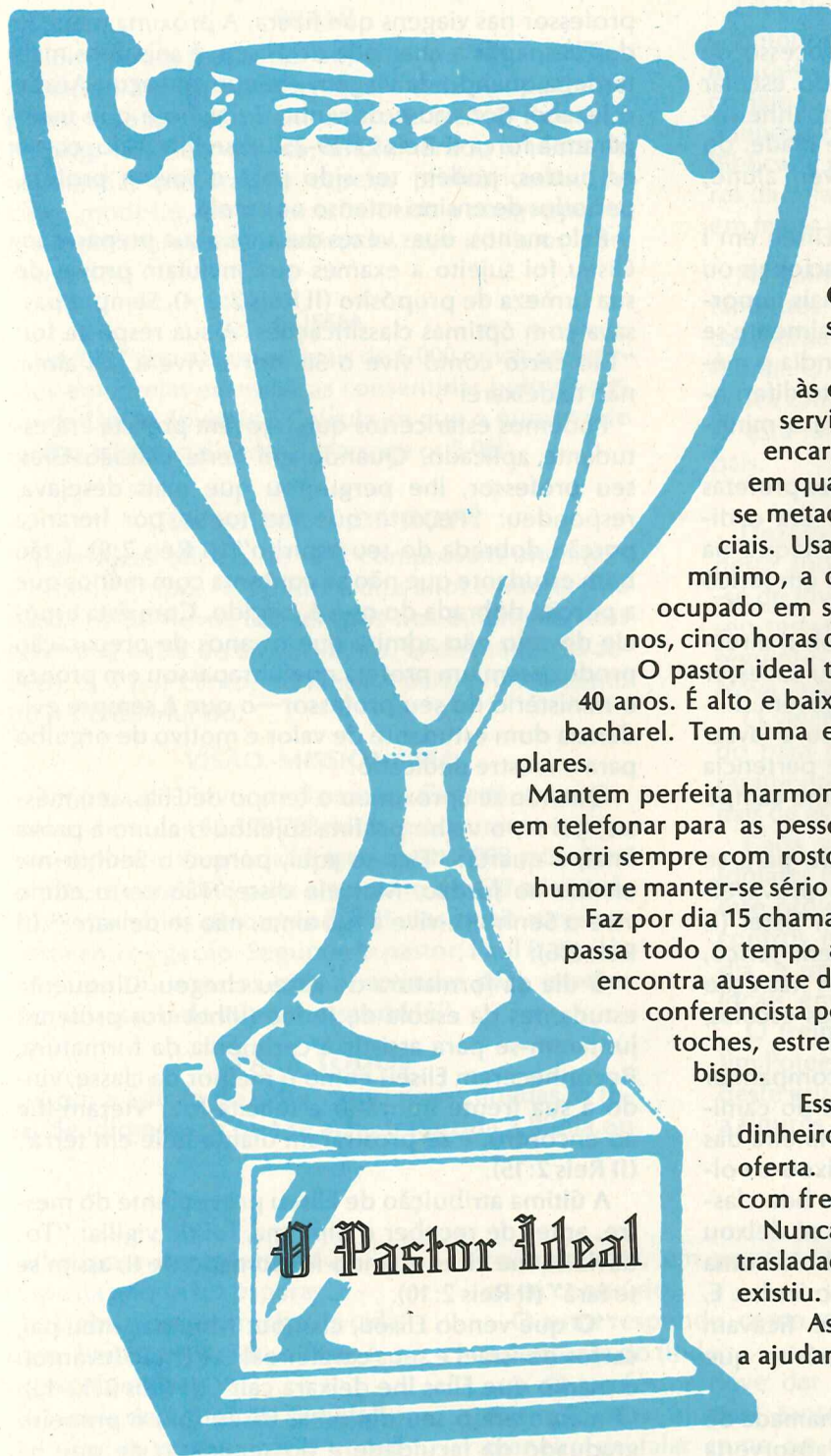
Podemos estar certos que o jovem profeta era estudante aplicado. Quando em certa ocasião Elias, seu professor, lhe perguntou que mais desejava, respondeu: “Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito” (II Reis 2:9). É tão bom estudante que não se contenta com menos que a porção dobrada do que é exigido. Com esta espécie de zelo não admira que os anos de preparação produzissem um profeta que ultrapassou em proeza o ministério do seu professor—o que é sempre evidência dum estudante de valor e motivo de orgulho para o mestre dedicado.

Quando se aproximou o tempo de Elias, seu mestre, partir, o velho profeta sujeitou o aluno à prova final, a quarta: “Fica-te aqui, porque o Senhor me enviou ao Jordão. Mas ele disse: Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei” (II Reis 2:6).

O dia da formatura de Eliseu chegou. Cinquenta estudantes da escola de Jericó (filhos dos profetas) juntaram-se para assistir à cerimónia da formatura. Reconheceram Eliseu como o melhor da classe, vindo à sua frente honrá-lo e felicitá-lo: “Vieram-lhe ao encontro, e se prostraram diante dele em terra” (II Reis 2:15).

A última atribuição de Eliseu proveniente do mestre, antes de receber o diploma, foi de vigília: “Todavia se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará” (II Reis 2:10).

“O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros! . . . Então levantou o manto que Elias lhe deixara cair” (II Reis 2:12-13). O manto era o seu diploma. Eliseu fora o primeiro graduado da faculdade e do seminário de que há memória e, provavelmente, o último a receber como “diploma” uma capa de pele de ovelha. □



Depois de centenas de anos foi localizado um pregador exemplar que é o pastor ideal.

O pastor ideal é aquele que estudou numa escola superior, mas que nunca se deixou enredar em qualquer discussão teológica a valer. Prega 20 minutos exactamente—e pára, por vezes, a meio duma frase. Condena o pecado, mas sem ferir a sensibilidade dos ouvintes.

Trabalha das sete horas da manhã até às onze da noite em qualquer espécie de serviço respeitante à pregação, oração ou encargos do seu ofício. Também faz de vez em quando de taxista. Do que ganha dá quase metade para a igreja, além das ofertas especiais. Usa roupas elegantes e pertence, como mínimo, a duas associações de livros. Está muito ocupado em servir a comunidade e gasta, pelo menos, cinco horas diárias no estudo.

O pastor ideal tem 36 anos de idade e é pregador há 40 anos. É alto e baixo, magro e robusto, bem parecido—e bacharel. Tem uma esposa congénita e dois filhos exemplares.

Mantem perfeita harmonia com os jovens e não poupa tempo em telefonar para as pessoas mais idosas. As crianças amam-no. Sorri sempre com rosto amável, sabe conservar o sentido de humor e manter-se sério na dedicação ao trabalho.

Faz por dia 15 chamadas telefónicas aos membros da igreja, passa todo o tempo a evangelizar os incrédulos e nunca se encontra ausente do seu posto. É, segundo as exigências, conferencista popular da mocidade, mestre em fan-toches, estrela nos clubes sociais e prega como um bispo.

Esse pastor modelo não se interessa pelo dinheiro, mas sempre vai aceitando qualquer oferta. É perito em mecânica e em escrever com frequência artigos de pesquisas.

Nunca pensa na morte—provavelmente será trasladado. É evidente que tal pastor nunca existiu.

Assim, por que não começar a trabalhar e a ajudar o pastor que você tem! □

—Donald S. Metz